X Ciclo de Estudos da Linguagem
III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem:
DESCOLONIALIDADE e DESOBEDIÊNCIA nos ESTUDOS DA LINGUAGEM
29, 30 e 31 de Julho de 2019

VOZES FEMININAS E POESIA

Prof.(a) Dr.(a) Catia Toledo Mendonça[1]
Prof.(a) Ms. Patricia Barreto Mainardi Maeso[2]

Resumo: Muito embora mulheres tenham produzido literatura desde a antiguidade, a poesia de autoria feminina não ocupa o mesmo espaço que a produzida por homens na História da Literatura. Até o século XX, poucas foram as escritoras/ poetas que tiveram reconhecido o valor literário de suas composições. Mais do que isso, a voz feminina não foi apenas preterida, mas desautorizada, em boa medida avaliada como poesia menor, como no caso da americana Emily Dickinson (RICH, 1979), por exemplo, ou da nossa Carolina Maria de Jesus (DELCASTAGNÉ, 2005). Na maioria das vezes, suas obras eram vistas como meros lamentos, como nos aponta Elódia Xavier, ou como afirmação da religiosidade que marcou a poesia por vários séculos, sem méritos estéticos próprios. Assunto de poesia, idealizada e por vezes maldita, à mulher foi negada a pretensão de autoria e expressão legítima. Em *Um teto todo seu,* ensaio baseado em conferências feitas em 1928, Virginia Woolf argumenta sobre a necessidade da construção de um espaço de escrita para as mulheres em meio a uma tradição marcadamente masculina. Esse espaço é tanto real, físico, como conceitual e de perspectiva. Woolf discorre sobre a escrita de autoras inglesas — como Jane Austen, as irmãs Brönte e George Eliot — e as questões por elas encontradas em seus momentos de produção literária e em sua relação com um mundo patriarcal. Este cenário, no entanto, vem aos poucos se alterando e ao longo do século XX muitas foram as poetas redescobertas pela revisão

do cânone ou descobertas, por suas publicações, que ganharam espaço nas editoras. Entretanto, processo de afirmação e reconhecimento da escrita e da autoria femininas é lento e muito há ainda a evoluir. De maneira análoga, o descentramento pós-colonial, ou a descolonização política e cultural das nações periféricas, é também um processo de afirmação das culturas ditas à margem das nações coloniais centrais, legitimadas política, econômica e culturalmente. Assim, feminismo e descolonialismo se aproximam ao buscar espaço para a construção de uma ideia de alteridade que inclui o feminino e o periférico, legitimando visões de mundo que transcendam o patriarcalismo e o imperialismo (BONNICI, 1999, p. 198). A poesia, enquanto elaboração estética, permite que uma expressão lírica emerja dessa aproximação: aquilo que Adorno (2012, p. 77) chamará de *corrente subterrânea coletiva* e que permite entrever os meandros das complexas relações sociais e culturais pela expressão da individualidade do(a) poeta. Este simpósio acolherá trabalhos de análise crítica e teórica da literatura, bem como abordagens que envolvam a sala de aula, e apresentem ou resgatem a obra de poetas brasileiras e estrangeiras: que tematizem as vozes femininas da poesia como debate e denúncia das condições de silenciamento da mulher na literatura, evidenciando o apagamento da expressão feminina e a literatura como espaço de resistência a tal processo. Assim, espera-se contribuir para a desconstrução dos pressupostos imperialistas e patriarcais que, em boa medida, continuam a orientar a historiografia literária e a discussão sobre valor literário.

Palavras-chave: Poesia; feminino; resistência; descolonialismo; valor literário.

[1] Doutor(a) em Letras. Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranaguá. E-mail: catia.toledo@unespar.edu.br

[2] Mestre(a) em Letras. Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranaguá. E-mail: patricia.maeso@unespar.edu.br